



Comércio sobre os trilhos da CPTM

Amanda Oliveira



De balas a fones de ouvido, de baterias a massageadores. No “shopping trem” encontra-se de tudo. É a alternativa que muitos desempregados encontram, entre o corre-corre diário e fuga da fiscalização. **Página 4**

Casa 1 é refúgio para comunidade LGBT na capital

Integrantes da comunidade LGBT têm, em São Paulo, um local para hospedagem. Muitos são expulsos de casa, vítimas de preconceitos e violências. A Casa 1 torna-se, assim, um novo começo.

Página 5

Terceira Idade é vítima da automedicação

Diagnósticos inadequados prejudicam a saúde da Terceira Idade. Conselhos de familiares e conhecidos

também contribuem para a medicação incorreta.

Página 6

Ansiedade é o novo mal entre a população brasileira

As preocupações diárias com a economia e a política estão tomando cada vez mais espaço na rotina do brasileiro.

A pressa e necessidade do cumprimento de compromissos também contribui para aumentar o stress. **Página 7**

Robô criado por brasileiros ajuda na caçada aos políticos corruptos

Página 8

Projeto Cidade Linda divide opiniões dos moradores de São Paulo

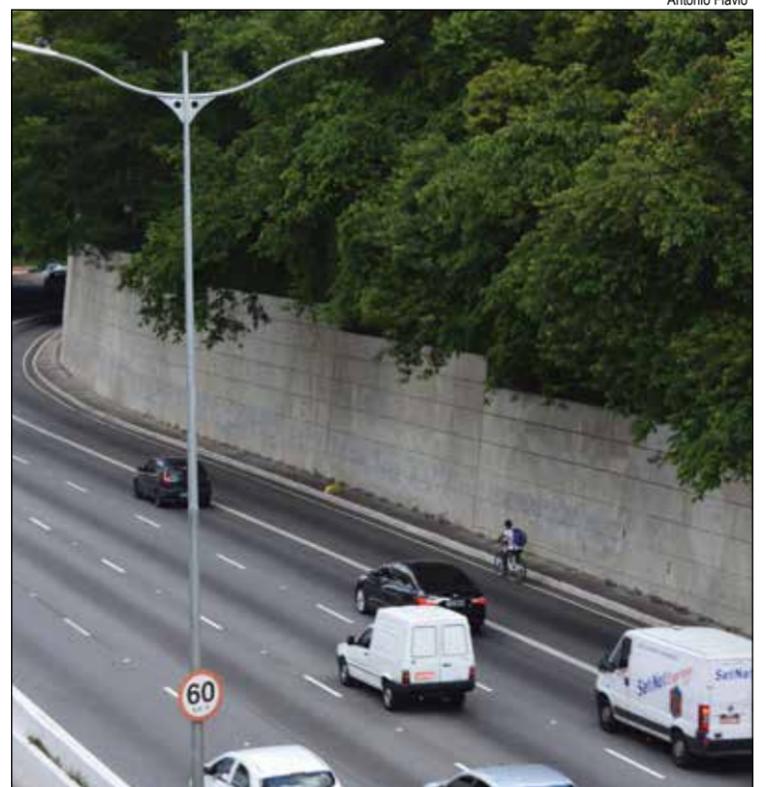
A prefeitura de São Paulo iniciou o projeto Cidade Linda apagando os grafites da Avenida 23 de Maio (foto ao lado) e iniciou a polêmica quanto à produção artística na cidade. Agora, grafitar sem autorização é crime.

Página 3

Reforma da Previdência é tema de debate entre especialistas

Página 3

Antonio Flávio



REDES ANTISOCIAIS

Pe. Dr. Jakson Alencar
Pró-diretor Acadêmico da FAPCOM

O surgimento da internet e sua propagação despertaram sonhos e esperanças diversos: acabariam as fronteiras e divisões; encerrariam os governos autoritários; haveria uma magnífica construção coletiva do conhecimento em que todos participariam, a sociedade da informação e um novo ser humano. Com o advento das chamadas “redes sociais”, o encantamento, que em grande parte continua, tem sido o mesmo. Supunha-se que criariam vínculos entre diferentes de maneira ilimitada, dentre outras expectativas.

Em parte, essas possibilidades se concretizaram. Inclusive, no Brasil, o pouco de vozes diferentes e independentes da grande mídia de direita tem tido espaço graças à internet. Mas as sociedades e estudiosos estão atônitos de como as redes digitais têm ido em sentido contrário a tantas expectativas imaginadas.

Discursos de ódio, notícias falsas, agressividade, autoritarismo, preconceitos, racismo, machismo, homofobia, acirramento de divisões de classes sociais... encontraram terreno fértil nas redes digitais. Pessoas se agruparam por meio delas com essas afinidades, outros despertaram ou fortaleceram tendências que tinham latentes e outros são intoxicados ao frequentar e usar tais redes. As expressões de agressividade não se dão somente devido a grandes temas, questões políticas ou ideológicas. Mas é comum que os temas, os mais diversos, e até assuntos banais se tornem motivo para comentários maldosos, grosseiros e agressivos.

Há uma espécie de pulsão ou prazer por fazer polêmica que ganha vazão com as redes digitais. As reações

na rede costumam ser impulsivas, rápidas e desregradas. Temas falsos são propalados ou fortalecidos rapidamente com muitos comentários e compartilhamentos. As ondas de comoção virtuais em grande escala com assuntos falsos no todo ou em parte ganharam até nome sugestivo na literatura especializada: *shitstorms*, ou tempestades de merda (no campo político, foi Angela Merkel, em 2012, que usou a expressão pela primeira vez).

Outro aspecto curioso é que, ao invés de tantas interações com as diferenças, as pessoas estabelecem geralmente suas rotas costumeiras e bem conhecidas nas redes, fazem seus guetos, segmentações e levam para a rede as divisões, estereótipos e preconceitos que têm no mundo físico.

Imaginou-se que a internet e as redes sociais seriam uma apoteose da comunicação e se constata que a comunicação como interação e criação de entendimento está atualmente muito frágil. Segundo Dominique Wolton, em *É preciso salvar a Comunicação* (Paulus, 2006), essa frustração ocorre porque não basta apenas técnica e tecnologia para se comunicar, são necessários os valores humanísticos e democráticos, a capacidade de aceitação, respeito e troca com o diferente.

Essas constatações não simplesmente podem ser vistas como fator de pessimismo, mas alertam para que a humanidade não se esqueça que as técnicas, sem formação e orientação ética, sem humanismo e sem organização social, não fazem por si um mundo melhor e mais justo, nem muito menos o paraíso tecnológico e comunicacional.

FAPCOMUNICA

ANO 4 - NÚMERO 8 - JUNHO DE 2017

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-direção Acadêmica: Pe. Jakson Alencar
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coord. curso de Jornalismo: Profª. Márcia Avanza

Conselho Editorial:
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pe. Jakson Alencar
Pe. Valdecir Pereira Uveda
Profª. Marcia Avanza
Prof. Vanderlei Postigo
Profª. Lilian Crepaldi
Prof. Claudenir Módolo Alves

Coord. de redação:
Profª. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546
Revisão: Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do
III Semestre de Jornalismo (matutino e noturno)
Equipe de diagramação: alunos do
V Semestre de Jornalismo (matutino e noturno)

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 4.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

FAPCOM

VIRTUAL
REAL

NÃO ESTÃO LONGE UM DO OUTRO

Um comunicador precisa estar atento a isso.

Prefeitura apaga grafite dos muros

A resposta das ruas ao projeto monocromático do prefeito João Doria após limpeza de grafites nas principais vias da cidade

ANTÔNIO FLÁVIO
ALAN FREIRE

Com a intenção de realizar a manutenção de logradouros, conservação de galerias e pavimentos, limpeza de monumentos e principalmente limpeza de pichações, o projeto Cidade Linda, do prefeito João Doria (PSDB), foi instituído logo em seu segundo dia de governo.

O grafite não é crime no Brasil, mas sob a lei 9.605, dos crimes ambientais, a prática da arte deve seguir alguns requisitos. O grafiteiro deve observar as posturas municipais e as normas dos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico cultural. A gestão municipal implantou a multa para quem grafitar sem autorização, para um maior controle na exposição dos desenhos durante e após as reformas do Cidade Linda.

As ações do programa foram iniciadas na Avenida 9 de Julho. Seguiu para os principais bairros e avenidas da cidade. “Isso vai nos ajudar a embelezar São Paulo, recuperar várias áreas, a criar visibilidade adequada para o trabalho artístico de grafiteiros e muralistas”, disse Doria em informe do programa.



Vista do viaduto na Avenida 23 de maio

Impasse

Na 23 de Maio, o projeto gerou repercussões negativas, após grafites serem apagados. Para o estudante Luiz Henrique, 18, não houve acordo entre a prefeitura e a população “A concepção de beleza dele talvez não seja a mesma da cidade. Acho que faltou um pouco de diálogo. Faltou uma comunicação com a mídia e com os artistas. Ele só colocou a ideia dele e a gente teve que aceitar”.

Em relação aos pichadores, Doria os convida a aderir ao grafite, “Estou sugerindo que os pi-

chadores possam se tornar artistas. Se preferirem ser agressores, terão a força da lei. Não tenho medo de pichador, para ficar bem claro”. As obras expostas nos muros foram cobertas por tinta cinza. O comerciante da região, Jean Souza, 49, apoia a livre expressão de arte nos muros pintados pelo prefeito, “São poucas as pichações. Na 23 de maio estava bonito, parecia Nova York. É o jeito do pessoal protestar com o grafite. Tem trabalhos que até ajudam a tirar a ‘molecada’ da favela”, acrescenta.

No início de março, o pre-

feito instalou jardins verticais como alternativa ao cinza. Luiz Claudio, professor de filosofia da rede estadual, 59, critica: “O Cidade Linda é mal feito e feio. O projeto do João Doria de reflorestamento é em nível de classe média alta. Os jardins suspensos são sofisticados, e não arte de rua”, completa.

Com essa nova saída, o governo ocupa o vazio deixado pelas obras, que foram planejadas antes mesmo da posse. Apesar de mantidos oito grafites, dezenas foram excluídos da visão dos paulistanos.

Cidade Linda

Ação semelhante à de João Doria ocorreu na gestão Kassab, em 2008. Denominada “Cidade Limpa. Na ocasião, a polêmica deu origem ao filme “Cidade Cinza” (2013). O documentário acompanha a restauração dos grafites expostos nos muros da 23 de Maio. A produção foi dirigida por Guilherme Valiengo e Marcelo Mesquita.

Valiengo critica os projetos de Doria e Kassab. Para o diretor: “A prefeitura precisa entender que o grafite nunca vai acabar e que a cidade de São Paulo atrai milhares de turistas todos os anos por causa dessa arte. O grafite que existe nas ruas é reflexo de uma cidade caótica, excludente e opressora”, ressalta.

Com o Cidade Linda, muito da cultura das periferias e centros deixam de existir. A visão da sociedade perante a cidade, antes retratada nas pinturas, é ignorada. As realizações da gestão de João Doria contemplam melhorias para os moradores, porém falham quando deixam de garantir a expressão de arte nos muros da metrópole. “Os muros refletem a realidade dura da cidade, a exclusão e a ausência do estado para grande parte da população. Pintar muro de cinza e se vestir de gari não vai deixar São Paulo mais bonita”, conclui Valiengo.

A Previdência vai quebrar ou não?

IGOR SIQUEIRA
PAULO DE FARIA

A posse de Michel Temer como Presidente da República, em agosto de 2015, trouxe diversas mudanças ao cenário político brasileiro. Entre elas está a proposta de reforma da Previdência Social, que altera de maneira significativa a funcionalidade do sistema em vigor no Brasil.

A posição do Governo

O Governo defende a necessidade da alteração do método. A oposição, por outro lado, alega que o processo é desnecessário e prejudicial ao povo brasileiro. Um dos pontos fundamentais do debate se dá em torno da ideia de que a Previdência é deficitária (quando a despesa é maior do que a receita), tese defendida por Temer e sua equipe. Em contrapartida, há um grupo que afirma haver um superávit (quando a receita é maior do que as despesas).

A Previdência não é um projeto que se sustenta de forma

independente, já que integra um pacote de políticas chamado de Seguridade Social, que também contempla investimentos na saúde e na assistência social.

Para justificar o projeto de lei, Temer e sua equipe falam em um atual déficit. Em 2016, segundo números atualizados pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), divulgados no site da Previdência, o Regime Geral da Previdência Social (RGPS) registrou um déficit de R\$ 151,9 bilhões.

Os defensores da reforma justificam o projeto como algo necessário para a economia dos próximos anos. Em um documento disponibilizado no site da Fazenda, o Governo Federal, com base em estudos do IBGE, divulgados em 2013, esclarece que o número de idosos irá sofrer um aumento de 262,7% em 2060. Atualmente, uma pessoa a cada dez é idosa; em 2060, a estimativa é de uma pessoa a cada três. Por isso, o número de contribuintes será reduzido. Ou seja, em 2060, a Previdência não seria capaz de atender, com me-

nos contribuintes, uma quantidade maior de beneficiários.

Seguindo a linha de pensamento sustentada pelo Governo, o economista Leonardo Ramos, vice superintendente da Associação Comercial de São Paulo, chama a atenção para que a Reforma seja feita de maneira que englobe todos os setores do trabalho. “A reforma deve ser mais profunda e equilibrada - atacando os privilégios do setor público e político. Só assim o déficit pode ser amenizado, garantindo uma previdência sustentável para os próximos anos”, pontua Ramos.

Para validar o argumento governamental, o deputado federal e relator da comissão de reforma da Previdência na Câmara, Arthur Maia (PPS/BA), entende que o desequilíbrio financeiro ocorre devido ao fato de que haverá mais pessoas recebendo o benefício do que pagando. “As pessoas se aposentam muito precocemente, com 50 e 50 e poucos anos, e ficam recebendo aposentadoria, às vezes, por mais tempo do que contri-

buíram. Naturalmente a Previdência não pode subsistir dessa maneira”, afirmou o deputado no programa Roda Viva, da TV Cultura.

Entretanto, movimentos sociais trabalhistas e estudiosos, como Eduardo Fagnani, professor de Economia da UNICAMP, apontam para uma falácia por parte do Governo. “É uma reforma draconiana, excludente e justificada por mentiras”, declara. Ele aponta para a criação do COFINS (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social), que é o imposto pago pelas empresas para o Governo, com finalidade de subsidiar parte da Seguridade Social. Fagnani explica que o déficit, na verdade, aparece pelo fato de que a contribuição do Estado com o COFINS não é contabilizada na composição da receita que deveria vir do trabalhador, das empresas e da própria União. Na Audiência Pública Contra o fim da aposentadoria, realizada em março na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o professor classificou o déficit como uma “pedalada constitucional”, declarando que desde 1989 (ano da criação do COFINS), o Estado não o contabiliza no or-

çamento, fazendo transparecer um suposto rombo nas contas da Previdência.

Em março, a revista Carta Capital divulgou números levantados pela Procuradoria Geral da Fazenda Nacional (PGFN) que são omitidos por aqueles que defendem a reforma. Os dados mostram as empresas que devem ao INSS e que acumulam uma dívida de R\$ 426 bilhões.

A possibilidade de recuperação total das dívidas é nula, levando em consideração que algumas empresas como a Varig e a Vasp declararam falência há anos, tornando impossível o ressarcimento integral das dívidas acumuladas. Ainda segundo o estudo da Procuradoria, estima-se que R\$ 10,3 bilhões, equivalente a 4% da dívida, têm alta probabilidade de recuperação.

Portanto, há muitos fatores a serem considerados na hora de tal debate. O fato é que há interpretações diferentes de uma mesma situação. Movimentos sociais têm buscado mobilizar os trabalhadores para tentarem barrar o Projeto de Lei. Por outro lado, o Governo segue na tentativa de convencer a população de que o projeto beneficiará o país.

“Shopping Trem” domina os vagões

“Trabalhar no trem é bom, mas é pura ilusão”, afirma vendedor ambulante

AMANDA OLIVEIRA
RAISA CAVALCANTE

Com a atual crise econômica no país e o aumento do desemprego, o número de comerciantes dentro dos trens do metrô e da CPTM cresceu drasticamente em apenas um ano. Entre o período de dezembro de 2016 e fevereiro de 2017, o número de pessoas desempregadas no país ultrapassou os 13 milhões, segundo informações do IBGE, o que pode ser uma das causas para o crescimento do comércio conhecido como “Shopping Trem”. De acordo com dados das companhias metropolitanas, a contagem de mercadorias recolhidas nas estações subiu de 1.086.793 itens, em 2015, para 1.216.971, em 2016, um aumento de 12%. Embora a prática do comércio seja ilegal, muitos ambulantes ainda preferem se arriscar, vendendo produtos dentro dos vagões, enquanto tentam se esconder dos funcionários que fiscalizam as plataformas em busca dos flagrantes.

Lindson da Silva Sousa Ramos, 26, atua como comerciante na Linha 8 - Diamante da CPTM há cinco meses por causa do desemprego e conta que frequentemente entra em conflito com os guardas.

“Eles me enforcaram na semana passada. Queriam tomar a minha mercadoria e eu não dei. Daí eles me levaram até a delegacia pra ver se eu tinha passagem na polícia”, narra. Apesar de desejar um trabalho melhor, o ambulante confessa que, se não fosse pela forte repressão da autoridade, ele continuaria no comércio pelo “grande lucro diário”.

Os produtos comercializados não têm garantia de origem. O universitário Danilo Fernando, 24, comenta que já foi enganado por um grupo de vendedores ambulantes. “Eles anunciaram pen drive por R\$ 20. Depois disseram que havia um guarda no outro vagão que iria pegar a mercadoria e que, para acabar de uma vez, o preço cairia para R\$ 5”, lembra. “Todo mundo comprou, inclusive eu, mas depois percebi que não funcionava. Era um pen drive falso”, acrescenta, rindo da situação.

Além dos riscos diários que os vendedores passam, a maio-

ria afirma trabalhar nisso pelo retorno rápido de dinheiro. Fábio, 32, trabalha no comércio ilegal dos trens há seis meses. O comerciante, que diz ter mais de dez anos de experiência na área de vendas, declara ter sido essa uma escapatória do desemprego. Atualmente, ele vende doses de um famoso uísque escocês e se destaca entre os outros ambulantes pela inovação do produto. “Tô vendendo isso porque no trem todo mundo tem as mercadorias que as pessoas já conhecem. Tem pururuca, pipoca, salgadinho, água. Você trazer algo que ninguém trouxe é abrir uma outra janela”, explica. “Se os caras estão indo para a balada e passam aqui de Osasco para São Paulo, eles sabem que lá vão encontrar a dose por R\$ 30 ou R\$ 40. Daí, então, se você encontrar alguém vendendo no caminho por R\$ 15 ou R\$ 20. Pô, cê vai pegar ali”, exemplifica.

Fábio também revela que seu maior lucro foi com eletrônicos: “Já consegui tirar R\$ 800 no dia, trabalhando das 8 horas da manhã às 17 horas da tarde”, ressalta. Segundo ele, apesar dos benefícios em trabalhar por conta própria, os comerciantes se acomodam com acesso imediato ao dinheiro e isso é uma ilusão. “Trabalhar no trem é cheio de altos e baixos...

por conta dessa subida de uma hora para outra e depois uma caída inesperada, é melhor ter algo mais sólido, como trabalhar em uma empresa”, opina.

Lucro diário

Durante a realização da reportagem, foi possível observar menores de idade vendendo mercadorias dentro dos vagões. Ao conversarmos com uma jovem de 13 anos, ela relata que seus pais estão desempregados e a forma que ela encontrou para ajudá-los foi trabalhando no trem depois do período de aula. “Eu não tenho vergonha de vender, só tenho medo dos guardas levarem minha mercadoria”, conta a garota.

O jovem Lucas de Souza, 24, trabalha com o comércio ambulante há mais de um ano. Ele conta que começou por indicação de um amigo de 12 anos que vendia doces nos vagões, e inicialmente seu lucro era de R\$ 100 por dia, porque todos vendiam a mesma coisa, então



Fotos: Amanda Oliveira

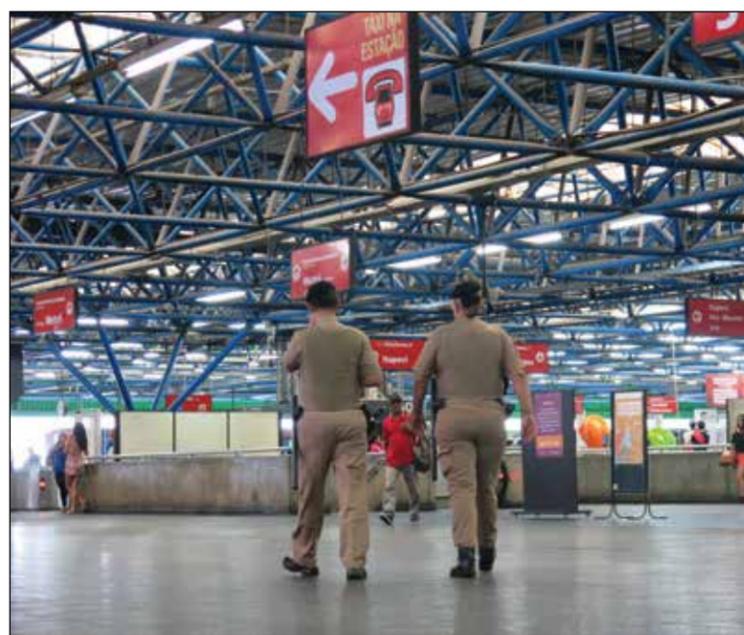
Grande lucro diário se destaca na rotina do comércio ilegal

decidiu comercializar novidades. “Vendendo eletrônico eu comecei a ganhar bem, porque eu comprava muito barato e não vendia pelo mesmo preço. Fui eu que iniciei com a propaganda do carregador de 3 metros, em um dia de trabalho consegui R\$ 1400, porque era novidade para as pessoas”, relata.

Ele confirma estar satisfeito com as vendas, mas já chegou diversas vezes machucado em casa, e sua família não apoia o trabalho. “Não pretendo sair dessa vida, tô acostumado a ter dinheiro no bolso toda hora, mas já apanhei muito dos guardas. Saí na porrada com eles, fui jogado na via e pisaram em cima de mim. O SAMU já foi me buscar na Domingos de Moraes, tem até uma ficha minha no hospital se eu quisesse abrir um processo contra eles. Já me algemaram na Júlio Prestes, aí eu quebrei o vidro da estação e me levaram pra delegacia. Antes de chegar aqui nesse trem, eu quase levei uma facada, porque eles me viram com a mercadoria”, narra.

Apreensões

Em casos de flagrante do comércio ambulante, os funcionários da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos são orientados a apreender a mercadoria e solicitar que o vendedor irregular saia do sistema, sem ter o direito de viagem. Somente em 2016 foram



Vendedores se queixam da violência de alguns guardas

registradas mais de 41 mil reações de comerciantes nos trens e estações. Em relação ao destino dos produtos recolhidos, o analista de comunicação do Departamento de Marketing da CPTM, Robson, afirma que “são encaminhados para os Fundos Sociais de Solidariedade dos municípios atendidos pela CPTM, sendo a capital e mais 21 cidades da Grande São Paulo”.

Mas o vendedor Lindson argumenta que os itens recolhidos não tomam o rumo descrito pelos funcionários: “A mercadoria vai para Júlio Prestes e lá eles juntam tudo. Os guardas dizem que vai para um lugar aí do governo, mas é mentira, é

tudo malandragem, eu vi a distribuição entre eles mesmos”, testemunha. De acordo com ele, nenhuma multa é cobrada em seguida. Os comerciantes flagrados apenas preenchem uma ficha e são liberados com o prejuízo da mercadoria apreendida.

Além das rondas realizadas pelos guardas nas estações, a CPTM também possui uma ferramenta para auxiliar nos flagrantes com ajuda dos usuários do transporte: o SMS Denúncia (97150-4949). No ano passado foram recebidas mais de 11 mil mensagens no número de telefone divulgado em cartazes dentro dos vagões, que funciona 24h e ainda garante o anonimato do denunciante.

Vale tudo pela diversão na balada?

Por mais curtidão, consumo de substâncias ilícitas aumentam entre jovens

RENATA MENDES
VITÓRIA BRAGA

Jovens entre 15 e 20 anos frequentam baladas e entram no mundo das drogas com a intenção de fugir de problemas pessoais e até mesmo por influência de amigos. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a cada três dias são produzidas novas estimulantes em laboratório.

De acordo com pesquisa realizada pelo Senado em 2005, 48% dos universitários ingerem entorpecentes, sobretudo em baladas. A procura por estimulantes se deve a fatores como estresse, uso recreacional ou, até mesmo, tédio. Mas o consumo contínuo se dá pela sensação de prazer que traz. “As pessoas vão pra balada e consomem, porque droga é gostosa. O ruim é a utilização abusiva”, aponta Regina das Neves, psicóloga e policial da Divisão Estadual de Narcóticos (DENARC).

“Desde a infância esse assunto deve ser abordado, pois é algo presente na vida das famílias em comemorações, principalmente com o álcool”, afirma a psicóloga Ludmila Andrade, especialista do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (GREA) do Instituto de Psiquiatria da USP. Informações podem impedir que o contato com as drogas ocorra. Ela destaca a facilidade de acesso e consumo nas baladas. “Há muita vulnerabilidade, incentivo e facilidade de aces-

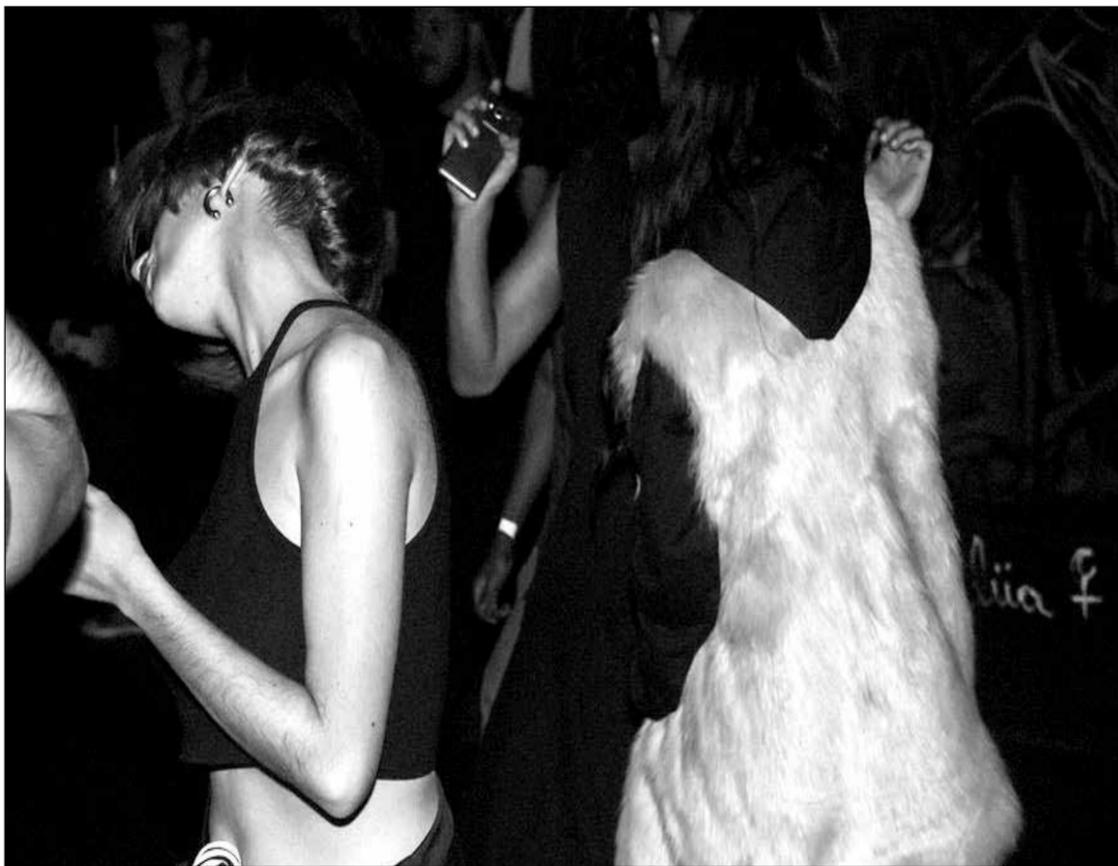


Foto: Caio Brito

“Fiquei eufórica. Tive medo de dormir, pois meu coração estava acelerado”, diz uma usuária

so às substâncias em geral”.

A especialista também aponta não haver distinção entre as substâncias “Todas as drogas são perigosas, a partir do momento que o uso delas gera prejuízos emocionais, sociais, familiares, financeiros, profissionais e físicos.” Bebida alcoólica e cigarro podem ser tão perigosas quanto outras substâncias. “São as mais consumidas e, além disso, causam consequências físicas, eco-

nômicas e sociais”, comenta.

Na prática

Nas casas noturnas, espaços como banheiros e fumódromos são os principais lugares. Gabriel (nome fictício), 22, utiliza cocaína aos fins de semana, há dois anos, para conseguir energia extra para aproveitar os eventos. Após pesquisar os efeitos dos estimulantes no cérebro, ficou preocupado e

tenta reduzir o uso, mas sempre tem recaídas. “Decidi diminuir o costume até que parasse totalmente”, diz Gabriel. O uso geralmente é feito em grupos de amigos. “Ninguém gosta de usar sozinho, querem ‘sentir a vibe juntos’”, acrescenta.

Para ter acesso, o rapaz relata que os usuários procuram por locais distintos e com preços que variam entre R\$20 até R\$60. “Geralmente compramos em

famosos pontos da cidade. Pode ser desde uma simples casa na qual você passa o dinheiro por baixo da porta e descrevo o que quero, ou até uma sala cheia de pessoas onde te revistam e fazem perguntas”.

Em uma das ocasiões de compra, em um famoso local de venda, Gabriel relata que sem saber da presença de outras pessoas no interior da casa, foi recepcionado de modo agressivo. “Bati na porta do local, e me receberam de maneira autoritária e com gritos”. Por conta de suas roupas, os vendedores acharam que ele fosse um policial. “Fui encaminhado para um corredor pequeno e com pouca luz, até chegar em um quarto. Lá, me pediram para que tirasse a camisa e me revistaram”, narra.

Combate

Na hora de impedir o tráfico de narcóticos, a Guarda Municipal de Santana de Parnaíba faz buscas por meio de denúncias. Os cães ajudam a detectar macro e micro substâncias, coisas que os olhos e o nariz humano não percebem. “Ano passado um dos nossos cães localizou droga enterrada em canos de PVC”, relata o subinspetor André Pittner, há 14 anos no canil.

“Já recebemos três ligações no mesmo dia, sobre a comercialização e o uso de drogas em um beco local, e todas as vezes que fomos, prendemos pessoas e a droga”, detalha GM Moreira.

Comunidade LGBT ganha abrigo na região central de SP

JULIA SANTOS
JÚLIA MEDEIROS

Imagine fazer parte de uma minoria discriminada por ser quem é. Agora pense em ser expulso de casa por ser rejeitado por seus pais, sem lugar para ir.

É o caso de André Vinicius, 17, que precisa sair de casa em outubro, quando completar 18 anos. Ele revelou ser homossexual para sua mãe em agosto de 2016. De acordo com André, sua mãe pareceu aceitar, porém isso mudou ao revelar que também é drag queen. “Senti que ela estava aceitando bem e resolvi contar que sou drag. Isso ela não aguentou e começou a gritar. Foi um horror”, declara.

Existem locais que abrigam pessoas nessas situações, como a Casa 1, criada em 2016 com a finalidade de acolher pessoas LGBT em estado de risco e que foram expulsas. O abrigo está localizado próximo ao metrô São Joaquim e possui a capacidade máxima de 12 moradores e com permanência de 3 meses, podendo ser renovada. “Aqui é um ambiente muito festivo e acolhedor, porque eles se relacionam de uma forma muito carinhosa, mas obviamente muito fragilizados”, relata o fundador Iran Giusti, 28.

O lugar também é um centro de integração com a comunidade. Além de possuir uma biblioteca comunitária, são oferecidos cursos de inglês, workshops, aulas de dança e outras formas de expressão corporal.

João (nome fictício) tem 18 anos, é bissexual e saiu

de casa após sofrer represálias de sua mãe, incluindo restrição de acesso à internet. Quanto a locais como a Casa 1 acha que “são extremamente necessárias, mas elas ainda não suportam o tanto de gente que precisa de abrigo, principalmente transexuais e travestis marginalizados e humildes. De qualquer forma é um trabalho lindo”, diz.

Quanto aos critérios de aceitação para morar na casa, “temos algumas regras básicas de convivência, mais relacionadas à organização deles. É como uma república estudantil. Não recebemos pessoas com saúde mental severa, vício em drogas e menores de 18 anos”, explica Iann.

Violência

Segundo dados de pesquisa, feita em 2013, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, a discriminação por orientação sexual atingiu 77,1% e, por identidade de gênero, 15,1%. A maioria diz respeito à violência física, sendo 52,5% de maus tratos e 36,6% de tentativas de homicídio.

De acordo com o Grupo Gay Bahia (GGB), associação de defesa dos homossexuais e transexuais, houve 347 mortes de pessoas do grupo LGBT, em 2016 sendo 49 em São Paulo, 32 na Bahia e 30 no Rio de Janeiro.



Divulgação

Sala da Casa 1; acolhimento e sem preconceito

João acredita que “o principal é colocar a bíblia e a hipocrisia de lado, afinal grande parte do preconceito se dá pelo enraizamento de princípios muito antigos, depois, aceitar a diversidade e a pluralidade, quando conseguirmos isso então deveremos apontar menos o dedo, personalidades não são definidas por roupas, gostos musicais ou esportivos, estilos de vida. Isso tudo não deve determinar caráter e nem orientação sexual”.

Muitas histórias de violências são silenciadas pois têm início dentro de casa e vão muito além das agressões físicas. Outro tipo de morte LGBT é o suicídio, causado por uma série de opressões psicológicas levam à deterioração da saúde mental dessas pessoas. “É importante também agir quando se vê casos de violência, não podemos estar sozinhos, denúncia também é proteção”, expõe João.

Automedicação é prática comum no grupo da terceira idade

Reações a medicamentos representam mais de 10% das internações hospitalares, afirma OMS

ISABELA STRABON
STEPHANIE MOTTA

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define a automedicação como a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas. Segundo o Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICQT), 51,8% dos brasileiros que têm a partir de 56 anos não esperam o parecer de um profissional antes de consumir remédios. Além disso, entre 1992 e 2012, o número de idosos vivendo sozinhos aumentou 215%, segundo o IBGE, o que torna o uso inadequado de fármacos ainda mais arriscado na terceira idade.

Para o ICTQ, a indicação de amigos e familiares reforça a prática da automedicação. O enfermeiro Marcos França, 31, conta que uma medicação errada pode causar sangramento, perda de sódio e potássio e, em casos mais graves, arritmia cardíaca. “O idoso tem dificuldade tanto na absorção da medicação, quanto na distribuição dela pelo corpo”, explica.

Um estudo realizado pela Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto, afirma que a cada cem idosos, 44 possuem receitas médicas inadequadas. Dentro desses valores, 30,9 % se automedicam, 37,1% não usam os remédios prescritos na receita, 46,2% afirmam ter reações contrárias e 12,6% receberam orientações do farmacêutico na retirada dos medicamentos.

França define que uma velhice saudável exclui o uso de medicamentos e que a terceira idade deveria encontrar outras alternativas para acabar com as dores, como fisioterapia analgésica, exercícios físicos, bolsa térmica para diminuir a dor e controlar o processo inflamatório, dentre outras. “Teria que ser o menor número possível de remédios, e sempre com acompanhamento de um profissional da saúde. É importante concentrar tudo em um só médico, nesse caso o geriatra, que estaria vendo quais as melhores medicações, checando se uma interfere na outra”, comenta.

Alternativas mais saudáveis

garantem que o idoso não camufle doenças mais graves, não interfira em tratamentos que já estão em andamento e não crie dependência química. A freira Ana Maria, 67, evita tomar medicação e substitui os remédios por outras opções mais saudáveis. “Faço fisioterapia, acupuntura, atividades físicas, evito comer alimentos gordurosos e tomo muito chá”, revela.

Problemas

Com o envelhecimento aparecem problemas como perda da massa muscular, órgãos com desempenho prejudicado, falha nos cinco sentidos, desajuste psicossocial. Para a enfermeira Gizele Lopes, 38, é frequente que farmácias vendam os medicamentos sem receita. O idoso, sem informação e acompanhamento de familiares ou cuidadores, se prejudica ainda mais. “Com a medicação excessiva, o que pode ocorrer é a interação medicamentosa, um medicamento cortando a medicação anterior ou o remédio potencializando a droga”, expõe.

O Ministério da Saúde explica em publicação sobre uso racional de medicamentos que é comum idosos com comorbidades apresentarem, também, depressão, o que exige ainda mais cuidado no uso de remédios. “A ingestão de um anticolinérgico (trixifenidil), usado no combate ao Parkinson, misturado com antidepressivo tricíclico (imipramina) pode desenvolver surtos psicóticos”.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as reações adversas a medicamentos representam mais de 10% das internações hospitalares. “A maioria dos remédios básicos para gripe contém a mesma composição. Sem saber disso, os idosos acabam ingerindo altas doses do mesmo medicamento e por isso passam tão mal e se intoxicam. É o que nós chamamos de nome fantasia, ou seja, o mesmo remédio com nomes diferentes”, esclarece a gerontóloga Jéssica Santos. Ela enfatiza que até mesmo a gripe deveria ser tratada com aval médico.

Patrícia Teixeira, auxiliar de



Stephanie Motta

A falta de um diagnóstico adequado faz com que idosos busquem a automedicação

enfermagem numa casa de repouso especializada em idosos com Alzheimer, aponta que, quando um paciente insiste em tomar remédios, ela e suas colegas dão balas aos idosos. Sua colega de trabalho, Elaine Araújo, ressalta que, mesmo entre os que são conscientes, poucos sabem que ingerem psicotrópicos, substâncias que atingem o sistema nervoso central e geram mudanças comportamentais.

A aposentada Ondina Sanchez, 73, comenta que não precisa de ajuda na hora de tomar as medicações, mas que gostaria de não precisar tomar tantos remédios ao dia. “Estou tomando só quatro atualmente. Tomo para artrose, osteoporose, e dois para a infecção na bexiga que adquiri após fazer uma cirurgia. Infelizmente os médicos não cortam a medicação, embora eu tenha pedido mais de uma vez”, lamenta.

Dosagens

Apesar de ser extremamente importante que o paciente faça o tratamento, respeitando os horários e dosagens estabelecidas, o ICTQ revela que apenas 4,9% dos brasileiros o fazem, sendo que 32% aumentam a dosagem por conta própria. A costureira Andreia Silva, 40, cuida do tio diabético e comenta as dificuldades que passa, quando ele decide não tomar a medicação. “A diabete dele estava descompensada. Agora ele está tomando a insulina, se alimentando

no horário correto, mas antes disso, quando deixou de tomar a medicação, ficou com fraqueza, tontura, sem apetite e ai o meu trabalho foi dobrado”, explica.

Salvador Rodriguez, 74, aposentado, admite que se automedica, isso porque só consegue consultas médicas na rede pública duas vezes ao ano. “Se eu tenho uma dorzinha na cabeça, tomo um dorflex, se eu vejo algum remédio na televisão, tenho vontade de comprar. Todas as vezes que sinto alguma dor acabo ingerindo algum medicamento, não posso ficar esperando pelas consultas que nunca chegam, é complicado ter que esperar tanto tempo para ser atendido”, afirma.

O administrador José Cerantula, 24, cuida dos avós e relata não ter problemas quanto ao controle dos medicamentos. “Eu monto aquela bandeja semanal de remédios, lá coloco a

dosagem de segunda a segunda. Todos os remédios ficam separados, todas as caixas arrumadas e eles só tomam o certo, o resto eu deixo guardado de forma que eles não fiquem mexendo”, fala.

Para o idoso ter uma velhice feliz é necessário o apoio da família. O abandono influencia na piora do paciente, então é fundamental o acompanhamento e incentivo, principalmente quando esses estão com doenças incuráveis. Casas de repouso são uma alternativa, assim como centros de referência do idoso, ‘creches’ para idosos, dentre outras. “Infelizmente, os filhos esquecem que vão envelhecer e podem ter a mesma patologia dos pais. É muito triste a realidade. Às vezes a gente acha que os idosos não entendem, mas vez ou outra tem uns 5 minutos de lucidez e falam dos filhos”, lamenta a auxiliar Patrícia Teixeira.



Brasil tem a população mais ansiosa

Pesquisa da OMS aponta o país com o maior percentual de casos por população

CAMILA DIMAS
CÁSSIO LUIZ

Esperar o sinal verde para atravessar a rua demanda um pouco de paciência, ou a espera de alguns segundos a mais. Isso, para muitas pessoas, pode parecer uma eternidade. Pressa para chegar a tempo ou entregar uma tarefa também geram sintomas percebidos no funcionamento do corpo, como suor e batimentos cardíacos acelerados, por exemplo.

A palavra que resume bem tudo isso é ansiedade. Dados divulgados em 2017 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam o Brasil com o maior percentual de pessoas com algum distúrbio psicológico. Mais

de 9% dos brasileiros têm desde ansiedade, transtorno obsessivo compulsivo à depressão, dentre outros. Os demais países analisados, como Chile, Estados Unidos, Espanha e Japão, têm em média de 3 a 4 %.

Desemprego e baixa renda

De acordo com a psicóloga Francine Borges de Camargo, “a tristeza e a ansiedade acometem todo ser humano em diferentes fases da vida; é importante observar a intensidade”. Segundo a OMS, a escala que apura a necessidade de um tratamento mais específico vai de leve a grave e leva em consideração o tempo do diagnóstico.

O estudo diz que a maior

incidência de notificações de transtornos psíquicos é “em pessoas de baixa renda, desempregadas e que perderam um ente querido”. Países subdesenvolvidos e em situação de crise econômica estão no topo desta lista e ainda têm os maiores números de suicídios. São 12 mil casos ao ano no Brasil, o que motiva um projeto de lei no senado para a instituição da Semana Nacional de Valorização da Vida, a ser realizada anualmente na semana que compreende o 10 de setembro (Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio). O objetivo é promover o debate, a reflexão e a conscientização sobre transtornos psicológicos e suas consequências.

A OMS diz ainda que 3% da

população mundial sofre de ansiedade. A região metropolitana de São Paulo possui o maior índice de perturbações mentais no mundo. São aproximadamente 700 mil pessoas atingidas pela doença. O Brasil tem aparecido sempre entre os primeiros nas listas da organização.

São Paulo é a cidade que representa o Brasil no estudo. Ela também aparece no ranking de casos graves, com 10% da população afetada, juntamente com os EUA, que possui 5,7% de casos graves.

ou calmante. Geralmente, isso acontece uma vez por semana.

Grande parte dos que convivem com isso tenta esconder o que sentem. E o pior, esconder de si mesmos. “Na maioria dos dias sinto isso, mas nunca deixo parecer que estou deprimido para os outros”, afirma o universitário Jhonnathan Correa, 26. “Acordo sem vontade de fazer

“Acordo sem vontade de fazer nada, nem de levantar”

nada, nem de levantar e tento não expor para os outros”, relata. Os dois jovens não fazem uso de medicação.

A ansiedade é uma doença subestimada por décadas, e esse transtorno mental pode inviabilizar a vida social e profissional, mas poucas pessoas procuram ajuda antes que chegue ao limite. Considerada por especialistas como um mal dos tempos modernos, a doença é impiedosa e vem de forma rápida.

Apesar dos números, vale ressaltar que há tratamento. A aceitação é o primeiro passo para buscar ajuda. Em muitos casos é importante que amigos e familiares estejam atentos aos sinais sutis desses problemas que formam uma linha tênue até a depressão. Propor uma conversa sobre o tema já é um grande passo para expor uma situação que pode se esconder em meio ao cotidiano e inviabilizar a vida social de muitas pessoas.

Origem e efeitos

Segundo o psiquiatra Isaac Efraim, a ansiedade surge como uma interpretação feita pelo cérebro dos impulsos à nossa volta. De forma instintiva, tudo pode representar um perigo e isso repercute no corpo, por meio de sintomas e comportamentos. O corpo reage como se precisasse lutar e se defender.

“Tremedeira, hematomas pelo corpo e coração acelerado” fazem parte do cotidiano da tatuadora Bruna Rocha, 21, que diz lidar com essa situação há algum tempo. Ela fica nervosa por não conseguir controlar a crise e, por isso, cada vez mais assustada. Para se acalmar, precisa tomar água com açúcar



O corre-corre da vida moderna e o acúmulo de obrigações pode acarretar em crises

Alimentos falsos saudáveis

GRAZIELLY QUEIROZ

Alimentos para uma vida fitness estão cada vez mais presentes nos hábitos dos brasileiros. Em busca do corpo ideal e para manter a saúde em dia, muitos criam sua própria rotina de alimentação. Porém, sem um acompanhamento correto de uma nutricionista, é comum a inclusão de falsos saudáveis.

O termo “falsos saudáveis” surgiu de boca em boca. “Apenas tem uma proposta de ser saudável por causa do apelo nas embalagens”, explica a nutricionista Tainah Scavone, 24. Com a promessa de emagrecimento, atraem de forma simples e direta o público, porém apresentam grande quantidade de substâncias tóxicas para maior conservação, o que pode prejudicar a saúde. A nutricionista cita algumas dessas substâncias, presentes no peito de peru, por exemplo. “Encontramos os conservantes, nitritos e nitra-

tos que possuem um potencial cancerígeno bastante alto. Além disso, são extremamente ricos em sódio. Cada duas fatias possuem cerca de 500mg de sódio”. O Conselho Nacional de Nutrição orienta o consumo diário de 2000mg de sódio.

Não existe uma lista de falsos saudáveis, porém, os queridos da alimentação fitness são os principais vilões, como peito de peru, queijo branco, barrinhas de cereais, torradas, bolachas fitness, granola, iogurte, pães integrais e produtos sem glúten. Entre os preferidos dos brasileiros se destacam iogurte e peito de peru.

Perguntada se esses alimentos de alguma forma podem trazer benefícios à saúde, a nutricionista orienta: “Se for destrinchá-los, alguma coisa se encontra de interessante. Peito de peru e suas proteínas. O iogurte com algumas vitaminas. Barras de cereal contendo carboidratos e os grãos benéficos de aveia.

Mas, em contexto, esses alimentos acabam omitindo os benefícios. Não vale o consumo.”

Mas não se desespere, existem alimentos que podem substituir os falsos saudáveis, como os alimentos in natura. “São alimentos naturais que não recebem agrotóxicos. Grãos, raízes, frutas, folhas, legumes, verduras. Isso de fato são os saudáveis”.

Rotina

Alguns acham que somente exercícios físicos bastam. “A alimentação é a base de tudo e não há malhação que compense excessos alimentares diários. Atividade física regular tem, sem sombra de dúvida, uma infinidade de efeitos positivos para a saúde, mas a perda de peso não é um deles”, descreve a fitness coach Carla Basílio. Ela tomou conhecimento dos falsos saudáveis a partir da leitura dos rótulos.

A falta de atenção de algu-



Peito de peru, queijo branco, bolacha integral, iogurte: vilões?

mas pessoas, cores cuidadosamente combinadas com frases de motivação e siglas complicadas nos rótulos prejudicam o entendimento da composição dos produtos. Normalmente, eles vendem uma imagem de saúde, bem-estar e felicidade. “Se a lista é extensa e você não sabe o que boa parte daqueles nomes significa, é sinal de que o produto não é tão saudável assim. Opte por produtos com uma lista de ingredientes o mais reduzida possível. Quan-

to mais simples, menos processados e com menos aditivos químicos, melhor”, indica Carla.

Para manter uma vida saudável, opte por uma alimentação correta e a prática de exercícios prazerosos. Busque um profissional de confiança, e siga as instruções direcionadas. Em suas páginas, na internet, “Nutri InForma” e “Guia da Boa Forma”, ambas dão dicas de como conciliar alimentação e práticas esportivas.

Furar o dedo nunca mais!

Produtos facilitam a vida de quem precisa medir glicemia e tomar insulina com frequência

DEBORA ILDEFONSO

A diabetes é uma doença em que o corpo humano não produz insulina apropriadamente. O hormônio é responsável em converter açúcares (glicose) em energia necessária para a manutenção da vida. Produzida no pâncreas, a insulina mantém o equilíbrio de açúcares no sangue. Quando o pâncreas adocece e deixa de produzir insulina, ou não consegue produzir em quantidade suficiente, o indivíduo torna-se diabético.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo Ministério da Saúde junto ao IBGE, a diabetes atinge cerca de 9 milhões de brasileiros. Classificada em dois tipos, a diabetes tipo 2 representa a maioria dos diabéticos, porém a tipo 1 é a mais grave e exige maior controle e aplicação de insulina.

A tecnologia busca novos meios para facilitar a vida dos diabéticos tipo 1, que precisam frequentemente verificar sua glicemia e aplicar insulina. O aparelho clássico é o medidor que utiliza uma fita com o sangue do diabético. Para isso, é necessário furar o dedo e sujar a fita que, em contato com o monitor, mostra o nível de açúcar no sangue.

Um produto que facilita a vida

dos diabéticos tipo 1 é a bomba de insulina. O aparelho é do tamanho de um cartão de crédito, tem cerca de 3 centímetros de espessura, não pesa mais do que 100 gramas e está ligado ao corpo por um tipo de cateter – tubo para drenagem – que, em sua extremidade, tem uma agulha flexível. Custa em média R\$14 mil, mas o preço pode ser abatido via medida judicial para medicações de alto custo diretamente com o Governo.

A relações públicas Beatriz Scher Montalvão, 26, usa a bomba de insulina. Para ela, o equipamento facilitou muito sua rotina. “A única coisa certa na minha rotina é medir a glicose antes de qualquer refeição e calibrar o sensor. Com a bomba tenho a facilidade de aplicar insulina dirigindo ou andando, por exemplo”, diz. Como a bomba informa o estado da glicose a cada 5 minutos, Beatriz recomenda seu uso para quem não consegue ter o controle glicêmico.

Aparelhos

Existe também um aparelho com um sensor que fica preso no braço e, quando encostado ao leitor, mostra o resultado da glicemia naquele momento. O aparelho guarda um histórico para



Beatriz Scher utiliza a bomba de insulina e indica para quem não tem controle glicêmico

comparar os níveis de cada medição. Cada sensor custa em média R\$200 e pode ser utilizado por até 14 dias. O leitor custa R\$250.

A escritora Marina de Barros, 32, faz uso dos dois aparelhos. Ela usa a bomba de insulina há nove anos e diz que o aparelho a ajudou muito. “Meu controle era muito ruim. Com o aparelho, deixo de tomar quase 12 picadas por dia e tenho um controle muito maior”.

ele se sintia à vontade”, descreve.

Para a endocrinologista especialista em diabetes Viviane Carvalho, o uso dos aparelhos é muito recomendado, pois é o tratamento que mais se aproxima do real funcionamento do pâncreas. “Alguns pacientes preferem furar o dedo várias vezes ao dia do que utilizar a bomba de insulina. Depende muito do que o paciente prefere, já que o importante é que

Viviane diz que a cura da doença está sendo pesquisada, mas, por enquanto, esses equipamentos são os mais avançados para o tratamento da doença. Para ela, todas as descobertas científicas deixam os médicos mais tranquilos no momento de prescrever um medicamento e esses avanços aumentam a esperança para a cura.

Robô brasileiro combate corrupção

**GABRIELLA CAMILO
LETICIA OLIVEIRA**

Em novembro de 2015, o cientista de dados Irio Musskopf, 23, após observar os bancos de dados da Cota para Exercício da Atividade Parlamentar, disponível publicamente no site da Câmara dos Deputados, percebeu muitas brechas e fez uso da tecnologia para fiscalizar gastos dos parlamentares.

Juntamente com amigos da área, identificou a necessidade de uma inteligência artificial para ajudar a população com o problema da corrupção.

Iniciaram o projeto titulado Serenata de Amor, que une tecnologia e controle social. Leva esse nome por conta do caso sueco Toblerone nos anos 1990, episódio em que a ex-ministra da Suécia Mona Sahlin utilizou um cartão corporativo

para compras pessoais, incluindo o chocolate.

Isso gerou uma grande repercussão mundial. “Fora isso a gente brinca que é a nossa serenata de amor ao Brasil. Nossa demonstração de apreço pelo país”, comenta o pesquisador Pedro Vilanova, integrante do projeto.

O intuito é fiscalizar os reembolsos realizados pelos deputados federais a partir da cota de alimenta-

ção, transporte, hospedagens, cursos e assinaturas de TV. “Nosso objetivo é resolver a corrupção. Nós usamos esses dados que já são públicos para poder detectar corrupção e fazer uma denúncia legal”, pontua Irio.

Rosie

Em março de 2016, iniciaram o código da robô Rosie, que faria as análises desses dados. O nome foi escolhido por conta da personalidade do desenho Os Jetsons. Na série, trata-se da empregada doméstica robô da família. É um modelo fora-de-linha que os Jetsons amam e nunca trocariam por outro mais moderno.

Rosie trabalha com dicas passadas pelos programadores, como preços de refeições. Eles analisam os resultados e modificam alguns parâmetros do algoritmo manualmente. No início do projeto, já detectaram a nota de um misto quente no valor de R\$220.

Em dois meses, ela detectou 3,5 mil anomalias, possibilitando ao grupo fazer 629 denúncias à Câmara dos Deputados. “A maioria é ligada à alimentação. Gastos superfaturados, compras de bebidas alcoólicas e despesas quase simultâneas em cidades distantes estão entre as mais comuns”, revela a informata biomédica Jéssica Temporal.

Dos mais de R\$300 mil denunciados, foram devolvidos cerca de R\$ 5 mil. O grupo enfrenta grande dificuldade para obter retorno dos parlamentares. Dentre 629 acusações, menos de 10% foram respondidas oficialmente.

Colaboradores

O projeto é composto por 8 pessoas na equipe oficial, mas, como o acesso às informações é livre, todos podem ajudar. “Recebemos apoio voluntário técnico, o código é aberto para qualquer pessoa do mundo e mantemos um grupo de discussão em inglês, como é comum em grupos de discussão técnicas do mundo todo, nesse grupo tem mais de 500 pessoas”, conta o programador Felipe Cabral.

É liberado o acesso aos dados que Rosie detecta na interface Jarbas, onde as pessoas conseguem navegar pelos reembolsos que mostram suspeitas e todos os bancos de dados cruzados. Já para as pessoas que possuem conhecimento técnico, é possível baixar todo o código pelo site serenatadeamor.org e ter acesso à planilha que contém as suspeitas.

O investimento arrecadado por crowdfunding (várias pessoas doando pequenas quantias de dinheiro) foi o suficiente para três meses de dedicação em tempo integral ao projeto. O custo mensal para manter o sistema é de R\$45 mil. Pelo site apoio.se/serenata, o projeto tem R\$10.551 mensais comprometidos.

Os planos para o futuro são melhorar a inteligência de Rosie e expandir o alcance das possibilidades. “Nosso objetivo nesse primeiro semestre de 2017 é abranjer todo o Congresso Nacional”, esclareceu Musskopf. “Tudo que nós desenvolvermos de inteligência para cota parlamentar da Câmara também vai funcionar com senadores”, finaliza.



O programador Irio e o jornalista Pedro trabalham na robô Rosie

Capital paulista produz 12,5 mil toneladas de lixo por dia

Políticas públicas voltadas aos resíduos não surtiram efeito fora da legislação, apontam especialistas



Mábily Regina

“Preciso juntar uma tonelada de papelão pra ganhar 150 reais”, conta Jesus

**MÁBILY REGINA
THAYNÁ AGNELLI**

Em 2015, o Estado de São Paulo foi responsável por 62.585 toneladas diárias de lixo. O termo correto, no entanto, é resíduo, pois não desaparece após o descarte. Para a educadora ambiental Patrícia Blauth, não há como jogá-lo fora, e sim devolver cada material para seu ciclo produtivo, na indústria ou na agricultura. A reciclagem trabalha com esse princípio: transforma resíduo em um novo produto. Apesar dos projetos criados para melhorar este cenário, os números pouco diminuíram.

A Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) foi aprovada em 2010 e desde então incentiva ações para cuidar do manejo irregular dos resíduos sólidos e a eliminação dos lixões. Ela surgiu para impulsionar mudanças nos hábitos da população, desde a destinação apropriada até evitar a geração.

Conforme a PNRS, todos os municípios brasileiros precisam de um Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PGIRS). É um gerenciamento que cada cidade pretende realizar em um período de 20 anos, sobre os resíduos. Ele exige de governos, empresas e cidadãos a recuperação máxima dos produtos recicláveis. Desde 2012, a cidade de São Paulo conta com esse plano, reelaborado em

2014. Ele dá ênfase à separação dos resíduos, coleta seletiva e educação ambiental.

No entanto, especialistas destacam que, na prática, a execução dessas atividades é bem diferente do esperado. “Existe um planejamento de primeiro mundo no papel, mas o gerenciamento ainda é ineficiente”, indica o gestor ambiental Jetro Menezes. Apesar da boa recepção dessas novas políticas públicas, muitas instituições e indivíduos não a seguem fielmente. Essas medidas vão surtir efeito caso a supervisão se torne parte do projeto. “Falta fiscalização, educação ambiental e arranjos institucionais para responsabilizar as empresas geradoras de resíduos nocivos à saúde e ao meio ambiente”, ressalta.

De acordo com o livro Gestão Contemporânea dos Resíduos Sólidos, do Instituto Macuco, na capital paulista, a coleta do lixo convencional se aproxima a 100%. Em relação aos recicláveis, o número cai para 78%. “A coleta seletiva da prefeitura ainda não abrange todas as regiões e grande parte dos cidadãos continuam a descartar incorretamente em aterros e lixões”, alega a educadora, bióloga e gestora ambiental Érica Sena.

Lixão

Ainda há muitos lixões em funcionamento. Um dos mo-



35% dos resíduos produzidos diariamente em São Paulo poderiam ser reciclados

tivos dessa defasagem é o desconhecimento da população, produtora de 1,4 kg de lixo por dia, segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE). “Faltam programas de educação ambiental que sensibilizem a sociedade para diminuir o consumo e alertem a importância de separar o lixo”, esclarece.

Conforme o Ministério do Meio Ambiente e o Panorama dos Resíduos Sólidos do Brasil de 2015, feito pela ABRELPE, quase 30 milhões de toneladas de resíduos foram parar em lixões, isto é, dos 5.561 municípios brasileiros, 3.346 continuavam realizando tal descarte. Em 2016, o número caiu para 3.334. Somente os paulistanos produzem 12,5 mil toneladas de lixo diárias. Destas, 3% são destinadas à reciclagem. Este reapro-

veitamento poderia ser de 35% do total.

Melhorar a gestão pública, aperfeiçoar a coleta seletiva e pensar em leis mais punitivas são as sugestões dos especialistas. O diagnóstico individual de cada região da metrópole, levando em conta a sua realidade isolada, pode ser uma alternativa: “Assim atendem as necessidades locais e ampliam a participação dos cidadãos para diminuir os impactos dos resíduos sólidos nas grandes cidades como São Paulo”, propõe Jetro. Além disso, a educadora Érica não descarta as campanhas de educação ambiental com enfoque nos 5R’s – repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar.

O gestor ambiental e permacultor Diego Rizzo acredita na educação ambiental como engajamento e sensibilização dos cidadãos. A dificuldade está no

fato de que isso depende, principalmente, da aceitação da população. “Não podemos obrigar um indivíduo a estudar e se informar sobre o assunto. É uma escolha”, enfatiza.

A Cidade de São Paulo possui o Programa de Educação Ambiental e Comunicação Social em Resíduos Sólidos – PEACS. Ele motiva a realização de atividades com caráter pedagógico e o consumo sustentável. Porém, o PEACS não é desenvolvido na prática. Um Projeto de Lei do Senado, ainda não sancionado, inclui a educação ambiental na grade curricular tanto do Ensino Fundamental quanto do Médio.

Nas ruas

Jesus de Assis é catador há 8 anos. Apesar de ser operador de perfuradeira, ele encontrou na reciclagem uma alternativa ao desemprego. “Vale a pena trabalhar com isso, porque é um material que você não compra, e sim pega ou ganha”, conta. O retorno varia entre R\$1.000 e R\$1.300 mensais, trabalhando de domingo a domingo. “Ganhamos por centavos, então preciso juntar uma tonelada de papelão pra ganhar R\$150”, explica.

É indispensável a separação dos resíduos para não prejudicar o meio ambiente. De acordo com Assis, poucas pessoas fazem isso: “Infelizmente está tudo misturado no meio do lixo. Se você quiser pegar tem de abrir os sacos e tirar os materiais, senão o lixeiro leva embora”, diz. Porém, ele já foi humilhado por isso: “Fui chamado de mendigo. Pensam que catador de papelão é um coitado, entretanto, este é um serviço sincero e honesto”, revela.

Quando começou a trabalhar, Jesus utilizava um carrinho de mão, mas após cinco anos conseguiu comprar um carro.

Além da reciclagem, projetos sustentáveis fáceis e baratos podem ser feitos pela população. Rizzo dá o exemplo da compostagem, processo onde a matéria orgânica é transformada em adubo. Para ele, a gestão descentralizada dos resíduos é válida. “O caminho participativo e colaborativo desenvolve várias alternativas bacanas para serem implantadas em São Paulo”, finaliza.

“Xongani é nosso Quilombo Urbano”

Marca de moda afro na Zona Leste de SP se torna forma de resistência negra

NAIROBI AYOBAMI
YANCA PALUMO

Ana Paula Xongani, 29, é afroempreendedora, feminista e estilista da marca Xongani Moda Afro. Na infância, sua mãe costurava roupas que realçavam sua beleza negra. A partir da relação mãe e filha e da demanda no mercado, surgiu a Xongani.

Para empoderar mulheres negras, há quase dois anos, Ana Paula produz vídeos para o Youtube, que falam sobre racismo, combate ao feminicídio e genocídio, políticas públicas e autoestima da mulher. “Eu preciso contar a minha história e de mulheres que estão comigo, ser a protagonista e registrar para os meus iguais”, explica.

A loja física é um retrato da necessidade que Ana sentiu de se aproximar ainda mais de mulheres e homens negros e de ressignificar a moda como uma transformação social. “Precisávamos ter um lugar de transformação, e que nós gostamos de chamar de nosso Quilombo Urbano”, expressa. Enquanto Ana Paula é responsável pelo desenho, a mãe Cristina Mendonça



Ana Paula se tornou youtuber para dialogar sobre assuntos da cultura negra

toma conta da costura.

Ateliê

Na zona leste de São Paulo, próximo ao metrô Artur Alvim, o ateliê é acolhedor e toda resistência e militância da família Xongani é sentida logo na entrada. O amor pela cultura afrobrasileira é presente no atendimento atencioso e empo-

derador oferecido no local.

As peças da marca - feitas com tecidos africanos vindos de Moçambique - se entrelaçam com a autoestima das clientes. Muitas se descobriram mulher negra e encontram a valorização do seu corpo nas roupas. “Aqui, no ateliê, eu sinto aquilo que eu não tive, os diálogos sobre minhas raízes, que me faltaram na minha infância e adolescência

para me autoafirmar”, declara a professora de Educação Física Jéssica Rodrigues, 33, que conheceu a marca há 3 anos.

Kimberly Dailher, estudante de História, 19, trabalhou durante cinco anos no ateliê. O aprendizado e o empoderamento que o local transmitia a ajudou enquanto se descobria. “Quando tive que sair do quintal da minha avó, onde todos eram

negros, e enfrentar o mundo racista e europeu que me desvia da minha origem a todo instante, a Xongani me ensinou a resistir”, afirma.

Mesmo com reconhecimento nacional, a estilista ainda sofre com o racismo estrutural, tendo dificuldades em bancos e outras instituições financeiras. Segundo o IBGE, 54% da população brasileira é negra, uma parcela da sociedade que enfrenta a desigualdade racial. Camila Donato, cliente do ateliê, relata que ao começar a usar roupas que não são convencionais, passou a ser percebida e a incomodar algumas pessoas. “Quando eu usei pela primeira vez um vestido da Xongani, eu estava no estacionamento do mercado entrando no meu carro e um motoqueiro passou e gritou ‘volta pro zoológico macaca’”, lembra.

Com o ganho de visibilidade da marca, famosos como Lázaro Ramos, Sheron Menezes Thaís Araújo usam peças da Xongani, na Rede Globo. “Eu me sinto merecedora, tivemos o processo da plantação, do cultivo e agora está sendo a nossa colheita”, expressa Ana Paula que pretende não parar tão cedo.

Filmes de curtíssima duração são exibidos em Festival de Atibaia

ISABELLA BASTOS
LUANA GASPARETTO

O 4º Festival Brasileiro de Nanometragem, realizado pela Incubadora de Artistas, em parceria com a rede Centerplex de cinemas, teve apresentação única e gratuita em Atibaia, no interior de São Paulo, no início deste ano. A mostra competitiva distribuiu prêmio de R\$ 6,000 mil entre os três melhores colocados, além de levar 19 filmes para duas exibições na Europa no meio do ano.

A nanometragem consiste em um formato ainda menor que o curta, com limite de 45 segundos, criado pioneiramente pela Incubadora de Artistas, uma associação sem fins lucrativos que visa incentivar ações culturais com contrapartidas sociais. A produção vem sendo conhecida pelo Brasil e pelo mundo através do festival brasileiro, realizado de maneira independente desde 2014. A mostra tem parcerias com o Porto7, de Portugal, e Festival de Contis, da França, que criou uma categoria inspirada no modelo brasileiro,

em 2016.

O evento aceita inscrições de filmes mais elaborados até produções amadoras, estimulando a participação de novos talentos do cinema. “A ideia principal é fornecer apoio, fomento, informações e divulgação” aos produtores, comenta Vitor Carvalho, 46, diretor cultural da Incubadora de Artistas. Ele acrescenta que a ação é proposta gratuitamente em editais e concursos para facilitar a participação. “Gravamos as cenas durante o ensaio fotográfico de um projeto de nu artístico, que foi um dia maravilhoso, usamos tinta colorida em pó e estávamos em quatro mulheres, todas nuas, nos divertindo sendo apenas nós mesmas, sem roupas, sem rótulos, sem padrões”, explica Nathália Ferreira, 19, atriz participante do filme “Amor infinito”.

De acordo com Igor Spacsek, 47, diretor da associação, o festival recebeu neste ano um total de 191 inscrições de 15 estados brasileiros e exibiu 75 filmes, além de contar

com a participação de Damien Stein, vencedor da mostra de nanometragem francesa, “Grand Concours de Nanométrages”. O evento reuniu 12 jornalistas, cineastas, fotógrafos e artistas visuais para eleger as três melhores produções da edição e consagrou também prêmios especiais e de menção honrosa.

Por enquanto, os filmes são exibidos unicamente no último sábado de janeiro do ano de cada edição, no cinema de Atibaia, sempre com ingresso solidário para a sessão, mas a associação Incubadora de Artistas visa ainda parcerias com outros festivais nacionais, para que essas produções sejam exibidas em todo o Brasil.

Produção

Como toda produção cinematográfica, dirigir um nanometragem requer uma produção trabalhosa, que não inclua somente a criatividade na obra. A Incubadora de Artistas tem como objetivo no Festival, possibilitar aos jovens produ-



Quinta edição do Festival já está confirmada para 2018

tores audiovisuais residentes no Brasil, a divulgação de suas criações, assim como premiar aqueles que forem considerados mais representativos.

Segundo Geovani Doratiotto, 27, advogado e diretor do filme “Venha Nós o Vosso Reino”, ganhador do prêmio de menção honrosa, “Parir uma obra de arte não é só um esforço individual, mas coletivo”, explica. “Participei de todas as edições do Festival,

sempre acreditando que levar a mensagem ao maior público possível vale mais que a premiação em si”, conclui o advogado.

A quinta edição do Festival Brasileiro de Nanometragem está confirmada para 2018 e terá as inscrições abertas a partir de setembro de 2017. Quem se interessar pela competição poderá se inscrever através do site www.festivaldenanometragem.com.br.

Clipes de funk dominam a internet

No YouTube, alguns vídeos chegam a mais de 200 milhões de visualizações



MC Livinho/Instagram

MC Bio G3 em cena do documentário "Back To Baile de Favela"

LUCAS LIMA

Foi no início dos anos 2000 que a febre do funk carioca pegou em todo país. Na época, o comércio ilegal contribuiu para que o som chegasse aos ouvidos do público. Mas o funk deixou de ser só carioca. Hoje, estão em alta os funks paulista e o curitibano, dividido em vários subgêneros, como ostentação, melody e proibidão. Com a internet, a divulgação ficou mais fácil e abrangente. MCs conseguem milhões de visualizações com videoclipes elaborados, a maioria dirigido por Konrad Cunha Dantas, o Kondzilla, dono da produtora de mesmo nome e um dos responsáveis pela ascensão do funk paulista desde 2011.

De lá pra cá foram mais de 350 clipes produzidos, totalizando mais de 10 milhões de inscritos e 5,5 bilhões de visualizações no canal da produtora, o maior do Brasil no YouTube. Os vídeos custam a partir de R\$ 50 mil. São produzidos em uma casa, no bairro do Tatapé, zona leste de São Paulo. Lá trabalham, entre funcionários fixos e freelancers, cerca de 35 pessoas. Dividida em dois andares, existe a sala de reuniões além dos espaços para produção e pós-produção.

Em uma única semana, são produzidos até 6 vídeos, sendo que todos alcançam pelo menos 1 milhão de visualizações em um dia. Quando viralizam, passam de 200 milhões de views. "Não podemos garantir sucesso. A gente não fala, olha vai fazer sucesso porque está no nosso

canal', nós garantimos as visualizações, mas esta aceitação varia, é muito orgânico pra gente", esclarece Bárbara Silveira, assistente de pré-produção na Kondzilla.

Reconhecimento

O sucesso surpreendeu até o pessoal de fora. Os DJs americanos Skrillex e Diplo chamaram MC Bin Laden, uma das sensações de 2016, para se juntar ao palco com eles. Toda essa movimentação chamou atenção da Red Bull, que produziu "Back To Baile de Favela", documentário sobre a ascensão do funk paulista. "Quando eu cheguei lá eles falaram: 'Nós queremos falar sobre os DJs gringos prestando atenção no funk paulista, porque isso tá acontecendo?' A partir desse questionamento, eu criei o projeto", relata Pedro Gomes, 33, diretor do documentário.

Apesar de não ter um número preciso, Pedro acredita que o investimento em torno de "Back To Baile de Favela" tenha sido em torno de R\$ 60 mil. Também não se pode ter noção de quantas pessoas já assistiram, já que o site da Red Bull não expõe os dados de acesso. "Eu acredito, bem no chute, que pelo menos 100 mil pessoas já chegaram a ver", comenta o diretor.

O documentário reúne em três episódios, sendo um extra, personagens importantes. Um deles é Kondzilla, produtor que todo funkeiro almeja conhecer. "O YouTube tem um papel importante, enfatize essa palavra, importante. O Kondzilla tem um papel fundamental. Mesmo se

existisse o YouTube e não existisse o "Kond", os MCs não seriam tão grandes", declara Gomes. "A Kondzilla funciona como uma vitrine no funk. É a janela de trabalho para o funkeiro. Quem tem vídeos no canal é bem visto tanto pelos fãs quanto pelos contratantes", complementa Rubens Rocha, o MC Jerry, 21, que acaba de gravar seu primeiro vídeo com a produtora.

Arte apesar do preconceito

O funk ainda é encarado com preconceito e de maneira estereotipada, muitas vezes porque vem da periferia e algumas letras trazem assuntos como uso de drogas e erotização da mulher. Para Gomes, o ritmo, como qualquer manifestação artística, é um reflexo social: "Muitas vezes, a pessoa que está escrevendo não é maldosa.

O funk tá aí pra ser visto como qualquer estilo musical. Por si só já é um reflexo social", explica. "O funk me levou onde eu jamais conseguiria com um trabalho normal. É mais que trabalho, é diversão, é hobby. Estar neste meio é fazer o que eu gosto", finaliza Jerry.

Se na internet os funkeiros têm a liberdade de dizer o que querem com suas letras, no rádio e na televisão não é assim. Nas estações radiofônicas é comum tocar o funk melody, já outros estilos é bem raro. Na TV, diversos programas convidam MCs somente depois que estouram no YouTube, porém as músicas ganham outras versões, com letras mais leves. "Se você é um artista de funk e quer tocar no Faustão, existe um jogo. Se você não estiver disposto a

Estilos de Funk

Foi no início dos anos 2000 que a febre do funk carioca pegou em todo país. Na época, o comércio ilegal contribuiu para que o som chegasse aos ouvidos do público. Mas o funk deixou de ser só carioca. Hoje, estão em alta os funks paulista e o curitibano, dividido em vários subgêneros, como ostentação, melody e proibidão. Com a internet, a divulgação ficou mais fácil e abrangente. MCs conseguem milhões de visualizações com videoclipes elaborados, a maioria dirigido por Konrad Cunha Dantas, o Kondzilla, dono da produtora de mesmo nome e um dos responsáveis pela ascensão do funk paulista desde 2011. De lá pra cá foram mais de 350 clipes produzidos, totalizando mais de 10 milhões de inscritos e 5,5 bilhões de visualizações no canal da produtora, o maior do Brasil no YouTube.

seguir as regras, você não entra em campo. É questão de escolha. Quer aparecer na TV, vai ter que aceitar as regras e deixar as letras explícitas de lado", explica Pedro Gomes. "A internet hoje dá um resultado melhor. Tem um monte de MC estourado que nunca nem apareceu na televisão", complementa Jerry.

A Kondzilla, com intuito de suprir a falta de notícias relacionadas ao funk nos portais e na mídia impressa, lançou, recentemente, um espaço que cuida da área midiática dos seus artistas. Todo material referente aos cantores são publicados no site e nas redes sociais da produtora. Konrad Cunha já tomou conta também da área empresarial dos MCs. Hoje ele é agente de alguns funkeiros como MC Guimê, Bin Laden, Kevinho e Tati Zaqui.

Mc Kevinho/Instagram



MC Bin Laden ao lado do DJ americano Skrillex

Corrida de rua é mania entre brasileiros

Ansiedade e depressão podem ser amenizadas com exercícios

DRIELLY PENICHE

Assim como diversas atividades, a corrida de rua também é capaz de transformar a vida de qualquer pessoa, psicológica ou esteticamente. Mariana Hodinik, 28, indicou os benefícios que o esporte proporciona à saúde de modo geral. Recém curada da depressão e síndrome do pânico, ela notou a influência esportiva para a superação de problemas psíquicos.

“Tudo começou quando tinha 20 anos. Na quarta e última crise, optei por algo que jamais havia pensado: a corrida. Além do momento psicológico difícil, possuía também a frustração com meu peso. Mas tudo mudou quando comecei a caminhar, logo após ingressando em

corridas de rua, estas que ajudaram a me tornar cada dia mais disposta, feliz e realizada, com meu interior e exterior”, relatou a atleta.

A corredora citou, inclusive, que a acupuntura também foi essencial para sua melhoria. Com ambos os tratamentos, as crises foram reduzidas. “Hoje só tenho a agradecer por todos os benefícios que tive desde aquela primeira tentativa em caminhar, o que hoje faz a corrida ser meu estilo de vida!”, disse Mariana.

Silvio Donizete é o personal trainer de Mariana. Diagnosticada com síndrome do pânico e depressão, a moça se habituou aos treinos semanais e maratonas como meio de estímulo para a mente que, até então, a limitava quanto ao contato físico em ambientes com grande quantidade de pessoas. “Ver a Mariana feliz e saudável me proporciona grande satisfação”, diz o treinador.

Drauzio Varella cita em seu livro *Correr: O exercício, a cidade e o desafio da maratona* que “A corrida é um antidepressivo poderoso. Traz a sensação de que você é capaz de resolver



Mariya Prokopyuk/flickr

É comum encontrar adeptos da corrida de rua em maratonas, como a São Silvestre

qualquer coisa”. O médico e maratonista de 73 anos afirma não se imaginar longe da corrida, responsável por ajudá-lo nos piores momentos.

Só no Estado de São Paulo a agenda de corridas de rua já possui o total de 248 eventos, no ano de 2017. Luiz Fernando Valloto, jornalista e corredor,

agora se prepara para a ultramaratona, corrida com distância superior a 42.195 metros. “Para 2017, o meu plano é completar minha primeira ultramaratona. A prova alvo será a BM (Bertioga Maresias). Minha meta, no primeiro semestre, é entrar em forma, preciso emagrecer um pouco mais para correr melhor

e mais leve”, declara Luiz.

Para a psicóloga Ana Luiza Guimarães, a corrida é um excelente complemento. “Claro que não substitui uma terapia, mas a atividade física é muito importante para uma vida saudável, tanto do ponto de vista físico, quanto emocional”, explica.

FAPCOM

Faculdade Paulus de Comunicação

A missão da FAPCOM é promover o ser humano por meio de uma formação integrada às áreas de comunicação, filosofia e tecnologia, com sólidos conhecimentos teóricos e práticos, para atuar no mundo do trabalho com profissionalismo, ética e responsabilidade social.

Jornalismo

Rádio, TV e Internet

Relações Públicas

Publicidade e Propaganda

Filosofia

Fotografia

Multimídia

Audiovisual

Entre os Melhores Cursos de Comunicação de São Paulo (MEC)

4
CI | IGC MEC/INEP
Faixa de Excelência

Melhores Universidades pelo Guia do Estudante

Trabalhos Premiados EXPOCOM | ABRP

EXCELÊNCIA RECONHECIDA
FAPCOM.EDU.BR

INSCRIÇÕES ABERTAS

